

A MULHER NA POESIA FRANCESA DO SÉCULO XII

II

por
MARIA DA CONCEIÇÃO VILHENA

A MULHER PROMOTORA DE POESIA

Na primeira parte deste trabalho referimo-nos à mulher como inspiradora e criadora de poesia¹. Nesta segunda parte, vamos abordar um aspecto mais histórico: a acção da mulher em favor da criação literária.

Se tivéssemos em vista apresentar aqui uma informação exaustiva sobre todas as mulheres da época medieval que protegeram as letras em territórios compreendidos na França actual, o nosso trabalho ultrapassaria de longe o âmbito de um simples artigo.

Em primeiro lugar deveríamos talvez citar Adèle de Blois, filha de Guilherme o Conquistador, lugar que lhe atribuíamos independentemente de qualquer juízo de valor, mas segundo um critério cronológico. Situada nos alvares da história literária francesa (séc. XI), Adèle, condessa amável e culta, cria em Blois uma actividade cultural até então inexistente nos

¹ In *Rev. Arquipélago*, III, 1981, pp. 315-359.

seus domínios, os quais dirigia com eficácia, após a morte do seu marido. Admirada não só pelo papel político que desempenha mas também pelo gosto da poesia e das letras em geral, é a ela que o poeta Baudri de Bourgueil dirige os seus poemas, através dos quais podemos imaginar a vida nesta corte: um centro literário em que poetas e damas comunicam por meio de mensagens em verso. Adèle protege os poetas, a nenhum deixando partir de mãos vazias; ela própria cultiva a poesia e sabe julgar do valor poético das composições que escuta. O monge Hugues de Fleury-sur-Loire dedica-lhe a sua *Historia ecclesiastica*, exaltando a sua inteligência, cultura e liberalidade.

De alguns anos posterior, e um pouco mais ao sul, brilha a corte de Marie de Ventadour, uma das três irmãs de Tourenne, célebres pela sua beleza e saber. Marie, uma das vinte « trobairitz » de que temos conhecimento, protege os trovadores, recebe-os na sua corte, debate com eles poeticamente o problema da igualdade em amor. Da mesma época, e também das regiões occitânicas, Tibors, irmã do conde Raimbaut d'Orange; Béatrice, condessa de Die; Garcenda, condessa da Provença... Todas elas « troibairitz », todas elas acolhendo generosamente nos seus palácios aqueles que cultivam a poesia.

Se abrirmos a *Art d'Aimer* de André le Chapelain, aí encontramos os nomes daquelas que presidiam às cortes de amor, a julgar e a pronunciar sentenças: Aliénor d'Aquitaine, sua filha Marie de Champagne, uma rainha de França (Alix de Champagne), a condessa de Flandres Isabelle de Vermandois, Ermengarde de Narbonne...

Em razão do limitado espaço a conceder ao nosso trabalho, vamos evocar apenas uma destas mulheres, aquela que maior impulso deu à actividade poética no seu tempo, não só como inspiradora mas também como mecenas: águia de duas cabeças, como lhe chamaram ao atribuir-lhe as profecias de Merlin; rainha duas vezes coroada, protectora de « trobadors » e « trouvères », a sua corte é o lugar de encontro das literaturas em língua d'oc e em língua d'oïl.

I — ALIENOR, RAINHA DE FRANÇA

1) *Aliénor descendente e progenitora de trovadores*

Evocaremos, pois, a acção de uma mulher em especial, daquela cuja figura preencheu por si só quase todo o séc. XII, pois não só se elevou acima de todas as outras pela sua personalidade forte, como teve uma vida longa de mais de oitenta anos. Referimo-nos a Aliénor de Aquitânia.

Neta do primeiro trovador provençal de que há memória, Guilhem IX, Aliénor foi, como o avô, duquesa de Aquitânia e condessa de Poitou. Neta de um trovador e mãe de dois trovadores, Aliénor não poetou, mas inspirou os poetas do seu tempo, protegeu-os e estimulou-os. Nasceu numa corte que foi berço de poesia; e, fiel ao espírito do avô, continuou a tradição do Poitou, fazendo da sua corte um cenáculo literário.

Guilhem IX tinha vivido rodeado de poetas cujas obras se perderam. Seu filho, Guilhem X, viveu igualmente rodeado de poetas. Os documentos da época referem-se a um bardo, chamado Blédhri, que vivia na sua corte². Em peregrinação a Santiago de Compostela, onde morreu em 1137, levava na sua comitiva o trovador Cercamon que aí fez um «planh» à sua morte:

*Lo plainz es de bona razo
Que Cercamonz tramet n'Eblo
Ai! com lo plaigno li Gasco,
Cil d'Espaign'e cil d'Aragon.
Sant Jacme, membre-us del baro
Que deant vos jai pelegris.*

² Giraud de Cambrie fala dele nas suas crónicas: « ille fabulator Bledericus ». É igualmente citado no « Roman de Tristan », o que mostra tratar-se de uma personagem de certa importância.

Aliénor nasceu e cresceu, assim, entre a cortesia provençal e a lenda celta, e aí desenvolveu o seu gosto pela música e pela poesia. Ainda muito jovem casa com Luís VII, rei de França, pouco mais velho que ela ; logo após a celebração do casamento e terminados os festejos que se seguiram, Aliénor parte para a corte parisiense, onde, com o seu temperamento meridional, vai escandalizar a gravidade da gente nórdica.

2) *Aliénor na corte parisiense*

Aliénor é alegre e expansiva, anda pelas ruas, mistura-se com o povo, canta e dança ; ri, fala alto, aborda assuntos delicados com uma certa desenvoltura. Em contrapartida, o rei é macambúzio, indeciso, demasiado piedoso e constantemente atormentado por remorsos. Aliénor tem dificuldade em suportá-lo e muitas vezes dirá que tem a impressão de estar casada com um « monge coroadado ».

Duma maneira geral, os meridionais escandalizavam os nórdicos. Constança de Provença, que casou em 1003 com Robert II, le Pieux, filho de Hugues Capet, causou idêntico escândalo ³.

Durante os doze anos em que viveu na corte de França, Aliénor incitou ao luxo e à sensualidade, em particular no vestuário e nas distrações. Começam a ver-se vestidos muito decotados, de tecidos ricos e de cores vivas. Os homens cortam as barbas, e o próprio rei o faz, depois de muito ter hesitado. Aliénor organiza jogos que fazem rir, alguns dos quais vão ser proibidos no sínodo de Worcester, em 1240.

A presença da meridional vai fazer-se notar igualmente na cozinha, que se torna mais rica, mais variada e, sobretudo, mais dispendiosa, pela grande importação de especiarias a que obriga.

³ *Romania*, LXVI, p. 160.

Aliénor é requintada em todos os domínios, sem esquecer o do espírito. A guerra e a caça, únicas distrações do francês nórdico, são suplantadas pelos prazeres da « fin'amors ». Por isso alguns cronistas a acusam de « frívola ».

Marcabru, trovador gascão da corte de Guilhem X, pai de Aliénor, permaneceu algum tempo na corte parisiense, talvez como membro da comitiva da rainha. Tendo sido expulso pelo rei, sentiu-se despeitado e vingou-se, cantando-o com desprezo :

*Haut et grand, branchu et feuillu
... Et de toutes partes épandu,
De France en Poitou parvenu
..... Sa racine est Méchanceté
Par qui jeunesse est confondue ...*

Aliénor era culta e inteligente, enquanto que Luís VII, não só não era inteligente, como chocava os seus vassallos pela sua grande falta de cultura. Foulques le Bon, conde de Anjou, ligado por laços de família a Henri II Plantagenêt, aquele que seria o segundo marido de Aliénor, escreveu a respeito de Luís VII :

*Au roi des Francs,
le comte des Angevins.
Sachez, seigneur, qu'un roi illettré
est un âne couronné.*

3) Aliénor e a canção de gesta

« Monge coroado » e « burro coroado », poderia uma rainha, com um temperamento como o de Aliénor, suportar um tal marido por muito tempo ?

Na gesta *Girart de Roussillon* (1150), cujo autor se inspirou em Luís e Aliénor para criar as suas personagens, o rei diz suspirando :

O reine, que de fois vous m'avez « engigné » !⁴

⁴ No séc. XII « engin » tem o significado de « ruse » (do latim « ingenium » = talento, inteligência).

Com efeito, muitas e muitas vezes Aliénor deve ter dominado, vencido e humilhado Luís. O autor anónimo desta canção de gesta era um «trouvère» que pertencia à comitiva de Aliénor; no início do poema refere-se a um papa que quer conciliar Berta com Carlos Magno. Ora sabemos que Aliénor, durante a segunda cruzada, em Antioquia, após um desentendimento com o rei, declara estar na disposição de pedir a anulação do seu casamento sob pretexto de consanguinidade. O «trouvère» transpôs, pois, para o seu poema, episódios da vida de Aliénor, incarnando-a na personagem Berta. Também o autor anónimo de *Le Pèlerinage de Charlemagne* se inspira na vida de Aliénor e Luís VII para compor o seu poema, dando-lhe como génese um desafio da rainha ao rei: esta ter-lhe-ia dito que conhece um outro, mais corajoso e mais valente, a quem ficaria melhor a coroa e a espada (maneira subtil de lhe chamar incompetente e covarde). Despeitado, Carlos Magno parte para Jerusalém, a fim de verificar se esse outro, o imperador de Constantinopla, lhe é realmente superior. A data da composição do poema coincide com a data da 2.^a cruzada em que Luís VII participou. Não é difícil ver, no desprezo da mulher de Carlos Magno pelo marido, aquele que Aliénor sentia pelo rei.

Noutros poemas, como *La chanson de Guillaume* e *La chanson d'Aliscans* (ciclo Garin de Montglane), igualmente se entrevê o papel de Aliénor como inspiradora. De personagem política, Aliénor passa a heroína de romance, na medida em que fornece ao «trouvère» o modelo para a elaboração das suas personagens femininas.

É ainda de notar a evolução que sofre a canção de gesta desta época: os episódios fantásticos e maravilhosos destroem a gravidade própria da epopeia e fazem-na aproximar do romance cortês, em que a mulher ocupa um lugar importante ao lado do cavaleiro.

4) *Aliénor, mulher aventureira ?*

O facto de Aliénor ter acompanhado o rei à Terra Santa e o desentendimento entre ambos foram motivo de críticas e comentários de que dão testemunho as crónicas da época. Muito se falou então das aventuras amorosas de Aliénor, as quais são, na maior parte, senão na totalidade, puro produto de imaginações exaltadas⁵.

Aliénor era muito bela, dizem os cronistas. Mesmo os que a detestavam não deixam de fazer alusão à sua grande beleza e ao porte que a todos se impunha. Os adjectivos com que a designam são : *fougueuse, avenante, vaillante* e *courtoise*.

Se Aliénor serviu de modelo de heroína de romance, também à sua pessoa se atribuíram muitos actos, gestos, comportamentos, de personagens que faziam parte de lendas e mitos existentes no folclore celta. Aliénor está no centro de um movimento duplo que consistiu em dar e receber : movimento de interferência da realidade com a ficção. Foram muitas as aventuras de que a acusaram. Destacaremos apenas aquelas que estão relacionadas com a moda, convicções e superstições de então, propagadas com a matéria de Bretanha.

Enquanto rainha de França, Aliénor deu um escândalo enorme por ter incitado um cavaleiro, de nome Saldebreuil, a combater vestido apenas com uma camisa dela. Saldebreuil aceitou o desafio, ficou ferido, como era de esperar, e a rainha, em sinal de agradecimento por tamanha dedicação, apareceu à mesa vestida com a camisa ensanguentada. Este episódio leva a pensar na dedicação de Lancelot por Guenièvre, o qual não hesitou em fazer de cobarde às ordens da rainha :

⁵ Escreveu-se sobre os seus amores com Saladino. Ora o sultão tinha no momento da 2.ª cruzada apenas 12 anos. Foi durante a 3.ª cruzada que Saladino se tornou célebre (1190-93). A lenda é, pois, o resultado de uma confusão de datas.

e também à troca de vestuário se poderá dar um significado simbólico, como se dá à troca de sangue entre amigos que se juram fidelidade eterna.

Aquando da viagem à Terra Santa, o rei e a rainha demoram-se em Antioquia, de que era rei Raymond de Poitiers, tio de Aliénor, mas pouco mais velho do que ela. Como foi precisamente aí que Aliénor manifestou a intenção de pedir a anulação do casamento, imaginou-se uma história de amores com o tio. Ora na literatura celta as infidelidades conjugais têm como causa a grande paixão entre tios e sobrinhos: Gauvain é sobrinho do rei Artur e Tristão sobrinho do rei Marcos; portanto Guenièvre e Isolda são, por afinidade, tias dos seus apaixonados. O mito do incesto aparece com frequência nas lendas celtas; e a rainha é sempre infiel ao rei; mas esta infidelidade tem uma função guerreira, no género dos sacrifícios que se faziam aos deuses, antes das batalhas. Quando lhe vêm dizer que a rainha foi encontrada em flagrante delito com um cavaleiro, o « Roi Cocu » responde que assim tinha de ser para garantir o bom sucesso da empresa. Na literatura celta a mulher é dotada de forças ocultas que transmite ao cavaleiro, tal como o amor cortês comunica ao trovador saber e virtude. Como a fada celta e como a dona provençal, Aliénor é aquela que dá inspiração, saber, força e protecção. Poitiers é para os poetas o que Avalon é para os cavaleiros.

Há uma sátira alemã, em que o autor anónimo, no momento do casamento de Aliénor com Henri II Plantagenêt declara: « Si le monde entier m'appartenait, depuis la grande mer jusqu'au Rhin, je voudrais en user pour obtenir que la reine d'Angleterre reposât entre mes bras »⁶.

Haverá parte de verdade nas aventuras amorosas de que acusam Aliénor? Eis o que ainda está por averiguar e que talvez venha a permanecer para sempre no campo das hipóteses.

⁶ Citado por J. Markale, *Aliénor ...*, Payot, 1977, p. 185.

II — ALIÉNOR, RAINHA DE INGLATERRA

1) *Aliénor vista pelos cronistas*

Sejam ou não verdadeiras as aventuras amorosas referidas, o que é certo é que, em 1152, um concílio se reúne em Sens para declarar nulo o casamento de Aliénor com o rei de França ; e que, dois meses depois, ela voltava a casar-se com Henri, conde de Normandia, coroado rei de Inglaterra apenas dois anos mais tarde. Aliénor, que durante 15 anos tinha sido rainha de França, vai agora ser rainha de Inglaterra até ao fim da sua vida, por um período de 50 anos. Deste modo Aliénor reforça ainda mais o traço de união entre o Sul e o Norte ; ela é o ponto de encontro de duas poesias — a lírica em língua d'oc e a narrativa em língua d'oïl.

Richard le Poitevin, na sua obra *Histoire des comtes de Poitou* (t. II, p. 91), diz-nos que Aliénor vivia « entourée de dames de l'Aquitaine qui l'initiaient aux mystères du jeu de la galanterie avec les troubadours et aux débats des cours d'amour ». Assim viveu Aliénor na sua juventude e assim continuou a viver, rodeada de damas, de trovadores e de cavaleiros. Logo que mais tarde o rei a guardará na prisão durante mais de quinze anos (1173-1189), é o cronista anónimo, sucessor de Richard le Poitevin, que escreverá : « Tu, águia de duas cabeças, agora aí no meio de selvagens, onde estão as jovens que te rodeavam cantando e tocando instrumentos ? »⁷.

Guillaume le Maréchal, preceptor do filho mais velho de Aliénor, Henri le Jeune, a quem armou cavaleiro, conta nas suas memórias que este príncipe vivia rodeado de mais de

⁷ *Hist. Fr.*, t. XII, p. 420 (transcrito por Michelet, *Hist. France*, livre IV, chap. V).

duzentos cavaleiros e que quase todos os quinze dias havia festas e torneios. Segundo Jean Markale, a Aliénor se deve o duplo juramento feudal do cavaleiro : ao juramento de fidelidade ao senhor, o cavaleiro passa a jurar também fidelidade à Dama ⁸.

Além das festas habituais, ruidosas de jogos e música, outras havia, brilhantes, nas grandes ocasiões, como foi por exemplo, em 1172, a visita a Limoges dos reis Sancho de Navarra e Afonso II de Aragão, este último bom trovador e grande protector de trovadores.

Richard de Devizes, monge de Winchester, ao escrever sobre Aliénor, diz que ela era « femme belle et chaste, imposante et modeste à la fois, humble et éloquente (...) ... une femme incomparable ». Se é certo que muitos cronistas falam de Aliénor sem simpatia e acusando-a de leviana e frívola, também é verdade que para a maior parte ela é uma mulher superior, que admiram, o que já não acontece em relação ao marido. Logo que, após a morte deste, ela sai da prisão, Guillaume le Maréchal diz que era « une grande dame, mûrie, fortifiée, ni cassée ni vieille ». E no entanto estava já com setenta anos !

2) *Aliénor e os trovadores*

Maior que a admiração dos cronistas é ainda a que manifestam os trovadores. Rigaud de Barbezieux designa-a pelo senhal « Plus-que-Dame ». Para Garin de Brun, vassalo de Aliénor, ela é « une grande dame ». No entanto aquele que mais cantou os seus louvores foi Bernard de Ventadour. Cinco das suas canções são dedicadas ao rei Henri II e uma à « rainha dos Normandos ». De tal modo Bernard se manifestou apaixonado por Aliénor, como bom trovador que era, que o

⁸ O. c., p. 112.

rei o expulsou. Em Inglaterra, num momento em que a rainha se encontra nos seus domínios continentais, Bernard suspira :

*Outre la terre normande
Passé la mer sauvage et profonde
... Hé Dieu ! que ne suis-je aronde ? !*

No entanto nada há na sua poesia que denuncie uma intimidade culposa, a não ser o desejo de ir lá onde Aliénor se despe e de, humildemente, lhe descalçar os sapatos. É o seu amor pela rainha que o faz cantar melhor que todos os outros trovadores :

*Ce n'est merveille si je chante
Mieux que ne fait autre chanteur :
Que plus tend vers Amour mon cœur
Et mieux suis fait à son command.*

É esse mesmo amor que tudo transfigura :

*Tant ai-je d'amour au cœur
Et joie et douceur,
Que gel me semble fleur
Et neige verdure.*

A cólera do rei, porém, obriga-o a partir. Já longe de Aliénor, Bernard de Ventadour recorda a felicidade que viveu na sua corte e diz-lho numa canção de despedida, que poderia chamar-se « canção da saudade ».

*Quand la fraîche brise souffle
venant de votre pays
Il me semble que je respire
un vent de paradis.*

São oito as canções de Bernard de Ventadour que cantam Aliénor. De acordo com os princípios da cortesia, ela não é nunca designada pelo seu nome, mas pelo sinal « Mos Aziman ».

A muitos outros trovadores Aliénor deve ter dado bom acolhimento, inspirado e estimulado. Eram vastos os territórios que se encontravam sob a sua autoridade e influência : França, Inglaterra, Aquitânia, Poitou, Anjou, Normandia, Bretanha ... A França esteve sob a sua influência directa durante 15 anos ; e, após a sua partida, continuou a estar por intermédio das duas filhas do primeiro casamento, Marie de Champagne e Aélis de Blois. Também lá vivia Pétronille, irmã de Aliénor, casada com Raoul de Vermandois, pais da Isabelle que participava nas cortes de amor ; foi o marido desta, Philippe d'Alsace, conde de Flandres, que encomendou a Chrétien de Troyes o *Conte du Graal*. Acrescentemos ainda que muitos dos trovadores do séc. XII eram originários dos seus estados de Aquitânia e Poitou : Jaufré Rudel, Cercamon, Marcabru, Peire Rogier, Peire d'Auvergne, Arnaut Guilhem de Marsan et Bernard Marti.

3) *Aliénor e a Antiguidade*

Aliénor é, pois, uma personagem política de alto nível e uma figura de relevo na literatura da sua época. Falámos de poesia lírica ; vamos agora ver como a sua personalidade impregnou e ficou marcada no romance cortês.

Relembramos que são três as matérias que o constituem : matéria antiga, matéria bretã e matéria francesa. Ora estas três matérias são cultivadas na corte de Aliénor. Estava-se em meados do séc. XII e era o momento em que a sociedade medieval, saída das cruzadas e do feudalismo, se fixava e se estabilizava, ao mesmo tempo que se consolidava a classe dos clérigos e dos intelectuais. O encontro da força física com os valores do espírito vai originar a cortesia cavaleiresca ; e assim, é na Inglaterra e na França do Norte que o romance cortês surgirá.

Ao mesmo tempo, em torno de Aliénor, um renascimento das letras clássicas se estava a processar, fundado na referência

à Antiguidade e contaminado de folclore bretão. Ao desenvolver-se num meio cortesão, que prima pelo requinte de costumes e subtileza de espírito, este renascimento constitui o ambiente propício à aventura galante do cavaleiro. Deste modo, e graças ao mecenato, a profissão literária começa a prosperar.

O século XII foi um século apaixonado pela Antiguidade ; só que o olhar que projectou sobre os autores clássicos foi completamente diferente daquele que se projectaria alguns séculos depois. O escritor do século XII não imitou, apenas se inspirou. As obras que despertaram então mais interesse foram a *Arte de Amar* e as *Metamorfoses* de Ovídio ; a *Eneida* de Virgílio ; e a *Tebaida* de Estácio. O que o escritor aí procura são temas e personagens, que depois integra na sua época, tratando-as segundo os gostos, os modos e as convenções do tempo. Opera assim uma evolução romanesca das tradições mitológicas e épicas da Antiguidade ; e, desta forma, se faz a transição da literatura épica para a literatura cortês.

Tudo leva a crer que o gosto pelos autores antigos se tenha desenvolvido no círculo literário a que preside Aliénor. André le Chapelain, que foi seu comensal, escreveu em latim uma *Arte de Amar*, cujo título revela influências de Ovídio. É uma compilação que consta de :

- 1—31 regras de amor, que diz terem sido trazidas por um cavaleiro bretão da corte do rei Artur ;
- 2—Opiniões, ideias, sentimentos e práticas relativas à arte da galantaria ;
- 3—21 julgamentos pronunciados nas cortes de amor, três dos quais atribuídos a Aliénor e sete à filha mais velha, Marie de Champagne, protectora de poetas como a mãe.

Anteriores à *Arte de Amar* são os romances chamados da Antiguidade, que parece terem sido escritos sob a égide de

Aliénor⁹. O *Roman de Thèbes* (1155) é de um autor anónimo que revela, pela linguagem, ser de origem poitevina. No *Roman de Eneias* o casal Eneias e Lavínia têm traços comuns com Aliénor e Henri. Chrétien de Troyes, que viveu muito próximo de Aliénor, escreveu também um romance de matéria antiga, *Philomena*, hoje desaparecido. *Pyramus et Thisbé*, bem como *Narcissus*, são obras escritas em francês, mas compostas por autores occitanos. Mas, de todos estes romances, o que atesta mais claramente a influência de Aliénor é o *Roman de Troie*, de 30 000 versos, da autoria de Benoît de Sainte-Maure (1160-1165), dedicado a uma « riche dame de riche roi » que só pode ser Aliénor. A personagem principal deste romance é Briséis, dama da nobreza romana que incarna defeitos e virtudes de Aliénor. A seu respeito escreve Benoît de Sainte-Maure :

« De cette femme (Briséis), je ne veux être blâmé en vérité par celle qui a tant de beauté, d'honnêteté, d'honneur, de richesse, de mesure, de sainteté, de haute noblesse et de beauté. Grâce à elle, les méfaits des autres femmes sont effacés. En elle, toute science abonde. Par le monde, il n'y a aucune autre femme comparable à elle. Riche dame de riche roi, sans mal, sans colère et sans tristesse, puissiez-vous avoir toujours joie ... »¹⁰.

E algumas linhas adiante :

« Salomon dit en son écrit, lui qui eut tant de sagesse : qui forte femme pourrait trouver, le créateur devrait louer ... Forte est celle qui se défend que les cœurs fous ne la prennent. Beauté et chasteté ensemble sont chose bien précieuse ce me semble. Sous le ciel, n'y a-t-il rien de plus désirable ? »

Aliénor é realmente essa mulher forte, a « domina » que domina, inspira e impulsiona.

⁹ Segundo R. Lejeune, *Rôle littéraire d'Aliénor d'Aquitaine*, in *Cultura Neolatina*, 1954, pp. 5-57.

¹⁰ Versos 13457-13470.

Benoît de Sainte-Maure foi um protegido de Henri II e de Aliénor ; e foi a pedido do Plantagenêt que escreveu a *Chronique des Ducs de Normandie*, de 43 000 versos.

4) *Aliénor e a matéria de Bretanha*

As personagens dos romances de matéria antiga só têm de antigas o nome ; o cenário é construído com elementos da realidade contemporânea do poeta, sobre um pano de fundo feito de maravilhoso ou fantástico. As terras em que surge o romance são na maior parte celtas e nessas terras domina Aliénor.

Recordemos muito rapidamente as origens do romance « bretão », para melhor nos apercebermos do papel que nele teve Aliénor.

Em 1135 Geoffroy de Monmouth publica a *Historia Regum Britanniae*, que é a primeira notícia escrita sobre o rei Artur, esse rei que um dia há-de voltar ... Em *Prophetia Merlini*, de 1132 (agora incorporado na *História*), fala de uma águia de duas cabeças, cujas asas cobrem, uma a França, outra a Inglaterra. Diz-se que já no concílio de Sens, em 1140, Jean d'Etampes teria aplicado esta profecia a Aliénor, o que agora acertava muito bem : Aliénor era « a aquila bifrons », aquela que já duas vezes tinha sido coroada rainha. Ora também a Henri II Plantagenêt esta profecia interessava, pois lhe ajudaria a consolidar a sua autoridade real, se conseguisse ser considerado como um « alter ego » do rei Artur. O que é certo é que, em 1155, Wace, « cleric lisant » na corte de Inglaterra, normando e cónego de Bayeux, traduz a obra de Geoffroy para francês, a pedido de Aliénor. Dá-lhe o título de *Roman de Brut*, Brutus, o cônsul romano de que seriam descendentes os reis da Grã Bretanha. Mais que uma tradução, esta obra é uma adaptação.

O *Roman de Brut* (1155) foi oferecido a Aliénor ; e Wace declara no prólogo que a sua intenção era escrever a história

dos reis de Inglaterra e Normandia. Igualmente de Wace é o *Roman de Rou*, dedicado a Henrique e a Aliénor.

Wace mostra ter já sido iniciado nos princípios da cortesia e pensa-se que terá tido como mestre Bernard de Ventadour, quando este esteve ao serviço de Aliénor. Quer dizer que a Crónica de Geoffroy foi transformada por Wace num romance cortês de 14 866 versos ; a terminar diz « ainsi finit la geste des bretons ».

A lenda de Artur foi, pois, divulgada graças ao mecenato de Aliénor e Henri. Tendo-se tornado bem comum do meio literário anglo-normando, nela se irão inspirar os melhores romancistas medievais, cujas obras constituem o chamado ciclo da « Távola Redonda ».

Thomas de Inglaterra e Béroul, autores dos fragmentos do romance de « Tristão e Isolda », cantam o amor fora do casamento, o amor mais forte que o dever e para além da morte, um amor que é o ponto de encontro de todas as correntes : amor cortês, realista e idealista, a querer conciliar os contrários ; amor que é o traço de união entre realidade e sonho, como Aliénor o é entre o sol meridional e as brumas nórdicas.

5) *Em torno de Aliénor*

Ao contrário do rei de França, o rei de Inglaterra era culto, falando várias línguas e interessando-se pela criação literária. O seu nome aparece em várias obras, como já vimos ; obras que, ou foram encomendadas pelo rei, ou lhe foram dedicadas ¹¹. Foi nessa corte de Inglaterra, corte de língua francesa, não esqueçamos, que Marie de France compôs os seus

¹¹ Apesar de culto, Henri II era o tipo de cavaleiro anti-cortês, convivendo com pessoas de baixo nível, e abusando das infidelidades conjugais. A sua ligação mais célebre foi com Rosemonda (a Rosa imunda ...) que, segundo a lenda, teria sido forçada por Aliénor ao suicídio, e que inspirou alguns poemas em inglês.

lais, a que nos referimos na primeira parte deste trabalho, e que foram dedicados ao rei.

Aludiremos finalmente a Chrétien de Troyes, o maior romancista do séc. XII e de toda a Idade Média, o qual teve frequentes contactos com Aliénor, quer directamente quer por intermédio das filhas desta, Maria de Champagne e Aélis de Blois. Chrétien também cultivou a poesia lírica e pensa-se que terá tido como mestre Bernard de Ventadour, pois uma das poucas poesias líricas que nos deixou é « la chanson de l'alouette », muito semelhante à deste trovador que, como vimos, deve ter vivido largos anos na corte de Aliénor.

Os romances de Chrétien descrevem festas e acontecimentos que correspondem a realidades da vida cortesã da sua época; e foi o mundo de Aliénor que inspirou certamente aquele mundo de Lanceolt, assim descrito:

« Elle était reine, la meilleure que eût vécu jusque-là. C'était une fille remplie de sagesse. Elle avait dix mille femmes avec elle dans sa terre qui n'avait pas connu l'homme ni les lois de l'homme. Toutes les femmes avaient des robes et des manteaux de soie brochée d'or... Toute l'année, cette terre était fleurie comme au milieu du mois de mai »¹².

Uma das épocas mais férteis em produção literária é o período que vai de 1152 a 1174, e que corresponde à dos anos mais felizes da vida de Aliénor, isto é, desde a anulação do seu casamento com o rei de França e o casamento imediato com o Plantagenêt, até ser por este metida na prisão. Não é possível, como o fez já notar Rita Lejeune, que tantos milhares de versos, inspirados da Antiguidade Clássica, tenham surgido nas imediações da corte de Aliénor, sem que ela tenha tido em tal um papel importante¹³.

¹² *La saga primitive de Lancelot du Lac*, in J. Markale, *La tradition celtique en Bretagne armoricaine*, Payot, 1977, p. 119.

¹³ *O. c.*, p. 50.

III — ALIÉNOR, MÃE E AVÓ : UMA LUZ QUE IRRADIOU
SOBRE TODA A EUROPA

1) *Prolongamento da sua acção através dos filhos*

Rainha duas vezes, mãe de dez filhos, dos quais dois reis e duas rainhas (estas por casamento), Aliénor teve uma longa vida, ao contrário do que sucedeu com os filhos. No momento da sua morte, um apenas existia, João Sem Terra, precisamente aquele que de menos prestígio gozou. Dos nove filhos já falecidos, só um morreu em tenra idade ; os outros oito viveram menos tempo que a mãe, mas a suficiente para alargar e propagar sobre toda a Europa a obra realizada por esta em favor da poesia ¹⁴.

Marie (1145-1198), a mais velha, casada com o Conde de Champagne, é aquela que o trovador Rigaud de Barbexieux proclama

*joyeuse comtesse et gaie ...
dont la Champagne s'illumine*

A ela se deve a implantação da arte provençal na França do Norte. A ela se deve o surgimento da lírica francesa, com Gace Brûlé e Chrétien de Troyes. A ela se deve o desenvolvimento do romance cortês.

Protectora de Chrétien, é Marie que lhe sugere o tema do romance *Lancelot*. Ouçamos o que Chétien diz ao começar o seu romance :

*Dès que Mme de Champagne
Veux que je fasse ce roman.
L'entreprendrai incontinent,
Puisque je suis sien tout entier ...
Mais je dois dire que mieux réalise
Son commandement en cette œuvre
Que sens ou peine que j'y mette.*

¹⁴ V. R. Lejeune, *Rôle littéraire de la famille d'Aliénor d'Aquitaine*, in *Cahiers de Civ. Médiévale*, I, 3, 1958, pp. 319-337.

*Du chevalier de la charette
Commence Chrétien son livre ;
Matière et sens en donne et livre
La comtesse et il s'entremet
De la penser et rien n'y met
Hors sa peine et l'intention.*

Foi igualmente Marie que levou Gautier d'Arras a escrever o romance *Eracle* (1165), em que Provins está presente, com as suas festas e monumentos, no meio de uma atmosfera pseudo-bizantina.

Já vimos que em *De Arte Honestæ Amandi* de André le Chapelain, o maior número de julgamentos foi proferido por Marie, o que é bem significativo.

Além de Chrétien de Troyes et de Gace Brûlé, já citados, outros «trouvères» viveram ainda à sua volta: Conon de Béthune (amigo de Bertrand de Born), Blondel de Nesles, Guiot de Provin, Guillaume de Garlande, Richard de Sémilly, Auboin de Sézanne ... Pode-se dizer que a sua corte era um autêntico centro de poesia.

Por intermédio de uma sua cunhada, Adèle de Champagne, que casou com o rei de França, e que ficou portanto a ser sua madrasta, Marie continuou a insuflar na corte parisiense o gosto pela poesia.

A Marie de Champagne, «contesse sœur», enviou Richard-Cœur-de-Lion a canção que fez na Alemanha, quando ficou prisioneiro, ao voltar da terceira cruzada.

*

Aélis (1150-1197)) é, como Marie, filha do primeiro casamento de Aliénor. Casou com o conde de Blois, ainda mais apaixonado pela poesia do que ela, citado várias vezes pelo «trouvère» Gace Brûlé. Uma filha de Aélis casou com Huon d'Oisy, autor do *Tournoiement des Dames*, inspirado em Raimbaut de Vaqueiras. A corte de Blois era um ponto de encontro de «trobadors» e «trouvères», segundo refere Marcabru. No

tempo de Aélis foi frequentada por Raimbaut de Vaqueiras e Gaucelm Faidit. A esta corte está ligada a composição do romance *Eracle*, de Gautier d'Arras, e *Partenopeus de Blois*, espécie de biografia lendária citada por Arnaut Daniel, Denis Piranus e Gace Brûlé.

★

Do segundo casamento começaremos por falar de Henri le Jeune, pois o primeiro filho, Guillaume, morreu, com três anos. Henri (1155-1183) era o herdeiro ao trono, foi coroado com 15 anos, e irradiava uma simpatia que a todos encantava. Era ele o centro das festas na corte e o promotor dos torneios, que se realizavam a uma média de dois por mês. Guillaume le Maréchal conta como nessa multidão de mais de duzentos cavaleiros que o rodeavam, sempre se improvisavam cantigas e se dançava. Depois da sua morte, aos 28 anos de idade, o povo cantou-o com saudade :

*Le roi que de tous les chrétiens
Était la beauté et la fleur
Et la franchise et la valeur
Et la fontaine de largesse*

Bertrand de Born, trovador nobre e visita da família, compôs dois « planhs » à sua morte.

Por uma lista de títulos de lais franceses, sabe-se que houve um intitulado « Le jeune roi », expressão por que era conhecido este príncipe, para o distinguir do pai, também chamado Henri. Rita Lejeune admite que a colectânea de lais de Marie de France lhe tenha sido dedicada a ele e não ao pai :

*En l'honneur de vus, nobles reis
Ki tant estes pruz e curteis
A Ki tute joie s'incline
E en Ki qu'er tuz biens racine.*

Trata-se de uma hipótese que nenhum facto contradiz ; no entanto o filho, apesar de ter sido coroado, não chegou a governar como rei, por ter morrido ainda em vida do pai.

*

Mathilde (1156-1189) casou com Henri le Lion, príncipe de Saxe e Baviera. Nesta corte se devem ter encontrado « trovadores », « trouvères » e « minnesängers », a cujo encontro se deveu sem dúvida a enorme expansão que os romances bretões conheceram nesta data na Alemanha. Eilhart d'Oberg, vassalo de Henri le Lion, é o autor, na segunda metade do séc. XII, do poema de Tristão mais antigo em língua alemã, cuja composição se situa entre 1185 e 1189. Conrad, sacerdote alemão, dedica uma versão da *Chanson de Roland*, redigida entre 1173 e 1177, « à filha de um poderoso rei », certamente Mathilde.

Após uma revolta falhada, Henri le Lion e a família foram obrigados a exilar-se e fixam residência em Argenson, na Normandia. Aí tiveram como hóspede Bertrand de Born que, tendo dirigido versos demasiado apaixonados a Mathilde, se viu expulso pelo marido. Vingá-se então, dizendo que a vida na sua corte é demasiado aborrecida :

*Il ne saurait y avoir cour
digne de ce nom
Sans qu'on y plaisante
et on y rie :
Une cour sans dons
n'est qu'un parc de barons*

O único prazer que se podia ter nessa corte, segundo Bertrand de Born no auge do seu ressentimento, era a presença de Mathilde, « la saxone », dona incomparável pelo « bon accueil, conversation, gentil corps amoureux et douce figure compatissante ».

★

O 6.º filho de Aliénor, Richard-Cœur-de-Lion (1157-1198), foi aquele que mais se distinguiu no campo das artes, pois não só as protegeu como praticou. Richard era bom trovador e bom músico; muitas vezes, na igreja, saía do seu lugar para ir dirigir o coro dos frades. Diz a lenda que, encontrando-se preso na Alemanha em lugar desconhecido, ao regressar da 3.ª cruzada, foi pelo canto que o descobriram : o trovador Blondel de Nesle teria ido procurá-lo e um dia, estando a cantar uma tensão que tinha feito com Richard, ouviu a voz deste que lhe respondia do interior da prisão. Esta história foi divulgada pelo « Récit d'un ménestrel de Reims ».

Dizem os cronistas que Richard fez muitas canções a Bérenguère de Navarre, com quem mais tarde Aliénor o casou. Da sua obra, porém, restam-nos apenas duas canções, uma das quais feita na prisão e dedicada à « comtesse sœur » Marie de Champagne. Segundo afirma o autor do Lancelot em língua alemã, foi por um companheiro de prisão de Richard que ele teria conhecido a versão francesa.

O apetite de saber de Richard era universal ; mas foi a sua bravura e generosidade que o tornaram herói de epopeias, tanto em inglês como em francês. O jogral Ambroise d'Evreux, na sua *Estoire de la guerre sainte*, poema de 12 000 versos em língua d'oïl, celebra as proezas, muitas vezes imaginárias, que Richard teria realizado na 3.ª cruzada.

O « trouvère » Guiot de Provins refere-se na sua « Bible » aos filhos do Plantagenêt, citando-os entre os seus protectores e distinguindo Richard pela sua valentia e generosidade :

*E qui refu li rois Richards
S'il ne fut avers ne couards.*

Raymond Vidal de Bezalú louva igualmente a sua generosidade.

Aos 17 anos Richard havia tomado o título de duque de Aquitânia, onde então vivia. De todos os filhos de Aliénor,

Richard foi o que maiores afinidades teve com a mãe e o que esteve mais próximo do espírito cortês meridional. Durante os anos que aí permaneceu, viveu rodeado de trovadores, tendo sido amigo de Peire Vidal e de Bertrand de Born. Foi celebrado por Arnaut Daniel, Guiraut de Borneil, Bertrand d'Alamanon, Dauphin d'Auvergne, Moine de Montaudin, Guiraut de Calanson e Fouquet de Marseille. Quando morre, Bertrand de Born faz-lhe dois «planhs» e Gaucelm Faidit um. Richard era então rei de Inglaterra apenas com dez anos de reinado e 41 de idade.

★

Geoffroy (1158-1186) foi aquele que, por vários anos, aos olhos de Aliénor, teria incarnado a figura do rei Artur. Casado com Constança, condessa da Bretanha, é bem significativo o facto de terem dado ao filho, nascido após a morte do pai, o nome de Artur.

Como Richard, Geoffroy é poeta, tendo-nos deixado dois «jeux-partis», um em língua d'oïl, com Gace Brûlé; o outro em «oïl» et «oc», com Gaucelm Faidit.

A sua corte foi frequentada pelos «trobadors» Bertrand de Born, Guiraut de Calanson, Gaucelm Faidit, Peire Vidal, Raimon Vidal de Bezalú; e pelos «trouvères» Guiot de Provins e Grace Brûlé.

O romance *Jaufre* (1180) em língua d'oc, de autor anónimo, sobre matéria de Bretanha, foi certamente inspirado pela figura de Geoffroy, segundo Rita Lejeune.

Chrétien de Troyes, no seu romance *Erec et Enide*, descreve o casamento das personagens em Nantes, descrição rica de pormenores que são conformes ao casamento de Geoffroy, também aí celebrado. A aliança com a Bretanha excitou a imaginação dos poetas e contribuiu para uma mais rápida divulgação e favor da matéria celta. Peire Vidal refere-se à grandeza de Geoffroy (XVIII, 48) e faz várias alusões aos bretões que vivem uma espécie de messianismo, convencidos do regresso do

Rei Artur. Na canção XX apresenta-os como modelo de paciência no esperar e regozija-se que finalmente tenham o seu Artur :

*Celui qui blame une longie attente
fait une grande faute
Car maintenant les Bretons
ont leur Artur
où ils avaient mis leur espoir.*

Este Artur tão esperado, nascido em 1179, viria a ser estrangulado por seu tio João Sem Terra, aos 15 anos de idade.

*

Aliénor (1161-1204) casou com Afonso VIII, rei de Castela, apenas com nove anos. Da sua comitiva fazia parte o trovador Arnaut Guilhem de Marsan. Raimon Vidal de Bezalú conta, numa das suas novelas, um serão literário passado naquela corte, que era na Península Ibérica um dos principais pontos de encontro de trovadores. Aliénor preside a esse serão, acompanhada de damas, cavaleiros e jograis, todos apaixonados pela música e pela poesia :

*En la cort des pus savi rei
Que anc fos de neguna lei
Del rei de Castela N'Anfons*

*Et ac lo rey fag ajustar
Man cavayer e man joglar
En la corte e man ric baro.
E can la corte complida fo
Venc la reyn'Elanors ...*

A sua corte foi frequentada pelo catalão Guilhem de Berguedan, Peire Vidal, Peire Rogier, Guilhem Magret, Perdigon, Folquet de Marseille, Aimeric de Peguilhan, Guiraut de Bornéil e Guiraut de Calanson. Este último compôs um « planh »

à morte do príncipe D. Fernando, filho de Aliénor, e aí faz alusão aos três filhos Plantagenêts, já mortos.

A rainha-mãe Aliénor ficou mais de dois meses nesta corte quando aí veio, já quase no fim da vida, a fim de levar a neta, Blanche de Castille, que iria casar com o rei de França, em cuja corte, durante largos anos, iria impor a sua autoridade.

*

Finalmente temos Jeanne (1165-1199) que casa, aos 3 anos, com Guillaume II le Bon, rei da Sicília, culto, inteligente e cortês. Este rei tinha tido como preceptor Pierre de Blois, que depois foi chanceler do rei Plantagenêt. Guillaume era o tipo do perfeito cavaleiro e um modelo de cortesia : tendo a filha do rei de Marrocos, seu inimigo, naufragado na costa siciliana, o rei recebeu-a com todas as honras e fê-la acompanhar até ao seu país.

Foi durante a permanência de Jeanne na Sicília que surgiu no romance francês o gosto pelo bizantino : *Dolopathos* de Jean de Haute-Seille ; *Athis et Prophilias* de Alexandre de Bernay ; e *Guillaume de Palerme*, de autor anónimo.

No romance *Floriant et Florete* a acção passa-se primeiro em Palermo e Monreale, onde existe uma igreja em estilo normando feita nessa época ; em seguida as personagens romancescas vêm para Londres, onde reinava a família de Jeanne, o que não deve ser simples coincidência. Este romance arturiano, de autor anónimo, data dos fins do séc. XII.

Depois que Jeanne enviuvou, o pai casou-a com o conde de Toulouse, Raymond VI, que já havia repudiado três esposas. A vida é-lhe de tal modo insuportável que Jeanne, apesar de grávida, entra na abadia de Fontevrault, onde a mãe já se encontrava também, e aí morre de parto, pouco depois.

2) *Prolongamento através de netos e bisnetos*

Aliénor morre em Fontevrault em 1204, com mais de 80 anos e depois de ter visto morrer nove dos seus dez filhos, como já dissemos. O seu túmulo encontra-se na igreja desta abadia ; sobre ele a estátua jacente de Aliénor, para sempre com um livro na mão.

A acção de Aliénor vai continuar através da Europa, levada por netos e bisnetos : Otton de Brunswick, conde de Poitou e imperador germânico ; Henri, rei de Jerusalém (ambos filhos de Mathilde). Thibault de Champagne, rei de Navarra, culto, um dos melhores « trouvères », o que lhe valeu o título de « Le Chansonnier » : (il) l'importe sur tous les autres trouvères de son temps par la culture, l'ingéniosité des pensées et des images, l'aisance du style et la variété des rythmes »¹⁵. Era neto de Marie de Champagne. Uma filha desta, também chamada Marie, casa com Baudoin, rei de Constantinopla, a quem Jean Renard dedicará o seu *Roman d'Escoufle*.

No trono de França brevemente dominará Blanche de Castille, mãe de S. Louis ; a ela se deverá a reabilitação da poesia, cujo gosto Philippe Augusto tinha abafado, ao proibir a entrada de poetas e músicos na sua corte.

¹⁵ Frappier, *La poésie lyrique ...*, C.D.U., 1962, p. 173.

CONCLUSÃO

Perguntávamo-nos, ao terminar a primeira parte do nosso trabalho, se teria havido algum génio feminino na poesia dessa época ; e a resposta foi negativa. No final desta segunda parte, e depois de termos examinado a acção de Aliénor de Aquitânia em favor da criação literária, ao mesmo tempo que vivia atenta aos seus deveres de chefe supremo dos seus estados, cumprindo-os com eficiência, sentimos estar na presença de uma personalidade tão rica de dons que toca de bem perto a genialidade.

Aliénor foi plenamente mulher. Bela, inteligente, culta, mãe de dez filhos, duas vezes rainha, apaixonada pelas artes, inspiradora e promotora de poesia. Mulher forte, excepcional, a ela se poderá aplicar o retrato de Guenièvre, traçado por Chrétien de Troyes no seu romance *Perceval*, pois é bem provável que Chrétien se tenha inspirado em Aliénor :

« Depuis la première femme qui fut formée de la côte d'Adam, il n'y eut jamais de dame si renommée. Elle le mérite bien, car de même que le maître endoctrine les jeunes enfants, ma dame la reine enseigne et instruit tous ceux qui vivent. »